

340.
P. 78 a



**A VIDA DE PEDRO SEM
e sua chegada ao céu**

2212
ANTÔNIO TEODORO DOS SANTOS



A VIDA DE PEDRO SEM e sua chegada ao céu

Reservados à Editora todos os direitos de propriedade
literária e artística



RUA IPANEMA, 772 - FONE: 9-1374

SÃO PAULO

ANTÔNIO TEODORO DOS SANTOS

**A VIDA DE PEDRO SEM
E SUA CHEGADA AO CÉU**

Meu amigo, eu vou contar
A vida de Pedro Sem,
Aquêles que o povo diz
Que já teve, hoje não tem;
Sua passagem na terra
E a chegada no Além.

Ha muitos anos atrás
No reino de Portugal
Foi que viveu Pedro Cem
Com famoso cabedal
Que podia se dizer
— Riqueza descomunal.

O nome de Pedro Cem
É muito bem figurado
Se chama *Cem* a princípio
Por ser demais abastado
E *Sem* para o fim da vida
Porque se viu apurado.

Lhe chamavam Pedro Cem
Pela sorte singular:
Cem mil casas de aluguel,
Cem mil navios no mar;
Cem mil fábricas de pano
Dia e noite a trabalhar.

Cem mil casas de negócio,
Armazéns de cereais;
Cem milhões em cada banco
Nas cidades principais;
Cem caravelas girando
Com preciosos metais.

Cem mil fabricos de vinho,
 Cem mil fazendas de gado,
 Cem mil vaqueiros no campo,
 Cem mil homens no roçado;
 Cem fabricos de manteiga
 E de queijo apreciado.

Cem fundições de metais
 Ferro, cobre, prata e ouro;
 Cem mil criados sofrendo
 De Pedro Cem o estouro;
 Mil e cem contabilistas
 P'ra contar o seu tesouro.

Quando ia um mendigante
 Pobre, cego e aleijado
 Pedir, em nome de Deus
 A Pedro Cem um bocado
 Recebia um pontapé
 Que ficava estatelado.

Pedro Cem, no seu orgulho,
 Espancava o coitadinho
 E depois gritava alto:
 Eis ali o seu caminho!
 Diz a Deus que me castigue,
 Se é Ele o teu padrinho...

Assim ficava dizendo
 Para seus adutores:
 Eu não creio nesse Deus
 Pai de tantos sofredores;
 Quem trabalha têm de tudo
 A ninguém pede favores.

QUANDO IA UM MENDIGANTE
 POBRE, CEGO E ALEIJADO
 PEDIR, EM NOME DE DEUS
 A PEDRO CEM UM BOCADO
 RECEBIA UM PONTAPE
 QUE FICAVA ESTATELADO.



O homem nasceu no mundo
 Por fôrça da natureza
 Se trabalha e aproveita
 Terá bastante riqueza;
 Se não age, viverá
 Na desgraça e na pobreza.

Portanto, quem dá esmola
 Alimenta a indolência,
 Cultiva grande miséria
 E faz crescer a carência;
 Quem fôr pobre que se dane
 Sofrendo sua indigência...

Diziam os adúladores:
 O senhor tem a razão,
 Essa gente "Zé povinho"
 Não nos merece atenção;
 Tôda hora está querendo...
 Não se farta de tostão.

Pedro Cem no escritório
 Só falava com rancor;
 Vinha lhe beijar os pés
 Tôda classe inferior.
 Todo mundo conhecia
 Pedro Cem, superior.

A riqueza dêsse homem
 Era fortuna tamanha
 Que transitava nas Índias,
 No Egito, na Alemanha;
 Itália, Rússia, Suécia,
 Hungria, Grécia e Espanha.

Porém Deus, o criador
 De todo o bem, neste mundo,
 A um dá tanto recurso
 Deixa outro vagabundo,
 Para ver o coração
 Amoroso ou iracundo.

No país que êle morava
 Com tôda sua riqueza,
 Existia a classe baixa
 Em uma extrema pobreza
 Porque, não havendo pobres,
 Quem cuidava da grandeza?

Certo dia, numa praça,
 Uma jovem êle encontrou
 Doente, pálida de fome
 Que p'ra êle assim falou:
 Meu senhor, dê-me uma esmola
 Pelo Deus que nos criou!

Pedro Cem olhou de banda
 E disse: Não dou esmola;
 Dê seu fora, vá andando,
 Faz favor, não me amola.
 Peça a seu bondoso Deus,
 Vagabundinha, carola!

Muito tempo se passou
 Pedro Cem na sua glória;
 Decorria tudo bem
 Em tudo tinha vitória
 Mas a miséria lhe trouxe
 A base de sua história.

Deus vê tudo e sabe tudo
 Pois, de tudo Ele é o dono;
 Certa noite Pedro Cem
 Teve um aviso, no sono,
 Que haveria de se ver
 Pobrezinho, no abandono.

No sonho êle viu um anjo
 Que lhe disse: Pedro Cem,
 Tuas obras desagradam
 Ao Autor de todo o bem;
 Tua riqueza êle tira
 P'ra dar àquem lhe convém.

Sabes que nasceste nu,
 Nada levas ao morrer;
 Todo cabedal que tens
 És chefe para reger
 Mas Deus está descontente
 Pelo seu mau proceder.

Disse: Toma esta mochila
 Pois é esta a sorte tua;
 Com ela tens que pedir
 Esmola, de rua em rua;
 Hás de te ver tão magrinho
 Vergado como uma pua.

Pedro Cem foi se acordando
 Bastante contrariado
 Mas disse: Sonho é besteira
 É organismo estragado;
 Meu deus é o meu dinheiro
 O mais é papel queimado...

Mesmo que houvesse Deus,
 Esse ente poderoso
 Não poderia acabar
 Meu cabedal fabuloso;
 Ele manda no que é dêle
 Que no meu é mais custoso.

Meus fabricos de tecido,
 Navios no oceano,
 Caravelas de minérios
 Do território indiano;
 Minhas fazendas de gado
 Que dão renda todo o ano.

Minhas casas de aluguel,
 Minhas fundições de ouro,
 Minhas tendas de curtume
 Onde se trata do couro;
 Cem milhões em cada banco,
 Quem acaba êste tesouro?

Segunda vez veio o anjo
 E lhe disse: Pedro Cem,
 Eu vi os teus pensamentos
 Quando estava no Além;
 Quem és tu para meu Deus?
 Tu não passas d'um ninguém!

Tórno agora te avisar
 Que queiras te arrepender;
 Dá esmola a quem te pede
 Para Deus te proteger
 E senão, olhe a mochila
 Que Ele manda oferecer.

Esta tua crueldade
 Deus eterno há de puni-la
 Pois, barbudo e rasgadinho
 Tendo em mão esta mochila
 Hás de mendigar o pão
 Pedindo, de vila em vila.

Acordou-se Pedro Cem
 Ficou bastante tristonho
 Não tirou o pensamento
 Dêsse horripilante sonho;
 Bradou: Arreda de mim,
 Mensageiro do Demônio!

Será possível que eu
 Vá perder minha riqueza?
 Pois aqui sou estimado
 De rainha e de marquesa;
 Emprasto dinheiro ao rei
 Almoço com baronesa!

Tudo isso é pesadelo
 Ou fraqueza de idéia
 Hei de procurar um médico
 Nem que seja na Judéia;
 Quero ver se é nervoso
 Da fria terra européia...

Aí procurou o médico,
 Doutor especialista
 Que além desta ciência
 Era espiritualista;
 A Pedro disse: o senhor
 Só é muito é pessimista.



*ESTA TUA CUELDADE
 DEUS ETERNO HA DE PUNI-LA
 POIS, BARBUDO E RASGADINHO
 TENDO EM MÃO ESTA MOCHILA
 HÁS DE MENDIGAR O PÃO
 PEDINDO, DE VILA EM VILA.*

Nada mais o senhor sente
 Pode viver sossegado;
 Seu coração pulsa bem
 Seu sangue normalizado.
 Ele disse: Seu doutor,
 Agora, muito obrigado!

O anjo de noite veio
 Já pela terceira vez
 Dizendo: Deus me mandou
 Neste reino português
 P'ra resolver teu destino
 Daqui para o fim do mês.

Se deres do que possuis
 Aos pobres a metade
 Viúva, órfão, mendigo
 Que estão em necessidade,
 Rico continuarás
 Para tôda eternidade.

Mas se não deres ouvidos
 A palavra do Senhor
 Hás de sofrer o castigo
 Por seres merecedor:
 Na rua, pedindo esmola
 Igual um cão sem valor.

Acordou-se Pedro Cem
 Aborrecido da vida
 Dizendo: Era o que faltava:
 A fortuna adquirida
 Dar àquem não trabalhou?
 Não é ação merecida.

Se é que existe êsse Deus
 É um deus de injustiça
 Quer tirar de mim, que tenho,
 Para dar a quem cobiça;
 Do pobre eu só quero ver
 A caveira ou a carniça...

E olhando para o dinheiro
 Todo em fardos amarrado,
 Sorriu bastante contente
 E de tudo consolado;
 Não acreditando em sonho
 Ou anjo, do céu mandado.

Nisto chegou uma velha
 Escorada num bastão
 Foi dizendo: Deus vos salve,
 Meu bondoso cidadão;
 Há três dias que não como,
 Dê-me um pedaço de pão!

Ele disse: Ora mais esta!
 Não tenho nada p'ra dar,
 Se você quiser comer
 O melhor é trabalhar.
 Ou então peça na rua,
 Faz favor desocupar!...

Saiu a velha chorando
 Naquela frase tão dura.
 Pensando: Quando fui nova
 Criei-me em grande fartura
 Mas hoje, nesta velhice
 Sofro tanta desventura...

Pedro Cem ali sentado
 No seu belo gabinete
 Ouvia música tão bela
 De flauta e de clarinete
 Quando um de seus marujos
 Chegou no seu palacete.

Pedro Cem lhe disse: Entre
 Que notícia traz, então?
 Êle disse: Meu senhor,
 Venho aqui em aflição:
 Cem navios de metais
 Perdeu-se no furacão...

Por grande felicidade
 Escapei da tirania;
 O Pólo Norte soprou
 Dez horas de ventania;
 As ondas do Adriático
 Nos levaram à penedia.

Os apitos de socorro,
 Tudo, tudo foi em vão;
 Navio topava noutro
 Descia na extensão...
 Fálsea riscava as nuvens,
 Ao ribombar do trovão.

Pedro Cem tomou um choque
 Porém, depois da melhora,
 Disse: O que ganhei num ano
 Foi-se tudo numa hora;
 Cem navios de metais
 Pagarei porém, demora.

Nisto chega seu gerente
 Dos fabricos de tecido
 Em gritos: Aqui, del-rei!
 Tudo, tudo destruído,
 Incendiaram-se as fábricas,
 Escute o louco estampido...

Nessa hora Pedro Cem
 Botou as mãos na cabeça
 Dizendo: Não tem no mundo
 Quem de mim se compadeça,
 Tudo o fogo consumiu
 Morro, antes que anoiteça...

Olhando para o espaço
 Via aquela escuridão
 As labaredas subiam
 Num rugido de trovão;
 O negrume da fumaça
 Tingia o céu de carvão.

As casas da vizinhança
 E tudo o fogo levou;
 Corria gente nas ruas
 Todo o povo se assombrou
 E cada prejudicado
 A Pedro Cem processou.

No outro dia, bem cedo,
 Chegou o procurador
 Das fazendas pecuárias
 Fazendo triste clamor;
 Pedro Cem sobressaltado
 Devido tanto pavor.

Lhe disse o procurador:
 Patrão, não tinha aflição
 Mas a febre deu no gado
 Que já morreu um milhão
 Cavalos, rês e carneiro
 Que assolou a criação.

Pedro Cem disse: Não sei
 Como agora hei de viver:
 Tudo que tinha perdi
 Sou capaz de enlouquecer;
 O homem pobre no mundo
 Muito melhor é morrer...

Nos cinco dias depois
 Recebeu correspondência
 Que os bancos dos países
 Todos abriram falência;
 Finalmente seus negócios
 Iam em plena decadência.

Os cobradores chegaram
 Que iam comendo brasa
 Diziam: Paga esta conta
 Ou a cidade se arraza;
 Tomaram de Pedro Cem
 Até mesmo a própria casa.

Finalmente Pedro Cem
 Tudo que tinha perdeu;
 Foi trabalhar alugado
 Naquele sólo europeu,
 Até que não agüentou
 Porque muito envelheceu.

*NISTO CHEGA SEU GERENTE
 DOS FABRICOS DE TECIDO
 EM GRITOS: AQUI, DEL-REI!
 TUDO, TUDO DESTRUÍDO.
 INCENDIARAM-SE AS FÁBRICAS,
 ESCUTE O LOUCO ESTAMPIDO...*



Maldizia sua sorte
 Andando de vila em vila;
 Saiu a pedir esmola
 Na referida mochila;
 De tanta fome, seus olhos
 Tinham secado a pupila.

Naquele tempo o dinheiro
 Era a moeda *vintem*
 E êle cantava assim:
 Dai esmola a Pedro Sem
 Que, pelo triste destino,
 Ontem teve, hoje não tem!...

Uma esmola, meu amigo,
 Nem que seja d'um vintem;
 Socorrei êste coitado
 — O falado Pedro Sem...
 Se quiser me dá, me dê;
 Mas se não quiser, eu nem?...

As vêzes, extenuado,
 Caía no frio chão;
 Sua roupa era só trapos
 Dada pela compaixão;
 A mochilinha vazia,
 As vêzes só tinha um pão.

Andou à margem do Tejo,
 Lisboa, Vila Real;
 Douro, Pôrto, Minho, Pádua;
 Sofrendo o golpe fatal.
 Sua vida foi a base
 Da narração mundial.

Certa vez ia esmolando
 Numa calçada caiu;
 Ali a dona da casa
 Com piedade acudiu
 Pegando-o pelo braço
 Para a cama o conduziu.

Ofereceu-lhe comida
 E uma roupa bem boa
 E não deixou êle andar
 Naquela cidade à toa;
 P'ra êle alugou um quarto
 Numa rua de Lisboa.

E êle disse: Minha dona,
 Me fizeste grã favor;
 Neste mundo já fui rico
 Hoje sou um sofredor.
 Só quem lhe paga a mercê
 É Jesus, nosso Senhor...

Tudo que eu tinha perdi,
 Isto você ignora;
 Cem navios de brilhantes
 Sossobraram numa hora;
 Fábricas, fazendas de gado...
 Parece uma caipora.

Hoje vivo confortado
 Pela tua caridade
 Mas, como viste, caí
 Pedindo pela cidade;
 Fui do mundo escarnecido
 Sem ter dó nem piedade.

Acabando seu discurso
Disse sua protetora:
Seu Pedro, também sofri,
Fui mais do que sofredora
Porque morreram meus pais
Numa sêca assoladora.

Eu fiquei pobre, doente
Sem amor e sem carinho.
Ia p'ra ali tropeçava
Acolá topava espinhos;
A você pedi auxílio
Você mostrou-me o caminho...

Nesse tempo tinha você
Riqueza descomunal,
Não encherjava a pobreza
Nem para dar um real;
Hoje eu tenho, tu não tens
Mas, de ti eu sou igual...

De fato essa dita dona
Era aquela que pediu
Uma esmola a Pedro Cem
Êle o rosto lhe frangiu;
E quase de pontapé
A pobrezinha saiu.

Mas como dizem que o mundo
Só se acaba p'ra quem morre
A desgraça ou a fortuna
Atrás da pessoa corre;
E Deus, se toma de um
A outro logo socorre.

*CERTA VEZ IA ESMOLANDO
NUMA CALÇADA CAIU;
ALI A DONA DA CASA
COM PIEDADE ACUDIU
PEGANDO-O PELO BRAÇO
PARA A CAMA O CONDUZIU.*



Ela melhorou de sorte
 Que vivia em bom estado
 Trabalhando prosperou
 Era dona dum sobrado;
 Socorria a Pedro Sem
 Que estava derrotado.

Quantos amigos de outrora
 Que Pedro Sem abraçara!
 Hoje, velhinho, peludo,
 Escorado numa vara;
 Os amigos se lhe viam
 De lado torciam a cara...

Pedro Sem, ouvindo a moça,
 Na hora empalideceu
 Foi quando naquele instante
 Ao mundo compreendeu;
 De ter sido um orgulhoso
 De tudo se arrependeu.

Bradou, com voz quase trêmula:
 Ó Deus, criador do mundo!
 Perdoai êste indivíduo
 Orgulhoso e iracundo.
 Minha vida foi um cáos
 Um abismo mais profundo.

Tantos bens eu possuí
 E não contava o dinheiro,
 Nunca dei uma esmola
 Nem abrigo ao forasteiro;
 Hoje sem tranqüilidade
 Me acho no desespero.

Eu não merecia vez
 Nem a santa luz do dia
 Porque tinha p'ra sobrar
 Negava a quem me pedia;
 Hoje entendo que é Deus
 Que fêz tudo e tudo cria!...

Meu castigo é merecido,
 Ó Deus do divino amor;
 Pois achava que só eu
 Seria superior
 Mas, no mundo, nada vale
 Sem ter o vosso esplendor...

E nessas meditações
 O anjo lhe apareceu
 E perguntou: Como vais
 Com aquêlê juízo teu?
 Estás lamentando a perda
 Mas, nada você perdeu.

Tudo que tem neste mundo
 É de um Sêr superior
 Que tudo fêz. Tudo é d'Ele
 A ninguém pede favor
 E a quem a Êle resiste
 Êle leva com rigor.

Pedro Sem agora és
 Porque bens já não possuis
 Tens o bem do entendimento
 Conheceste a santa Luz
 Entregas a tua alma
 A nosso Senhor — Jesus!

Pedro Sem abriu a bôca
Do corpo a alma saiu
Cortou tôda a atmosfera
Ao Infinito subiu;
O Diabo acompanhou
Mas a morte a conduziu.

O Diabo assim gritava:
Espera aí, Pedro Sem!
Segues o caminho errado,
Adiante é o muquém;
Vamos comigo para o céu
Que eu sou um anjo de bem!...

Mas, o Anjo do Senhor
Que Pedro vira no sonho
Lhe disse: Vamos p'ra cá
Por êste jardim risonho
Aquêle cabra de chifres
Não sigas que é o Demônio.

Pedro Sem ia sentado
Em uma nuvem de asas;
Por cima era labaredas
Por baixo feita de brasas.
Até que êle avistou
No espaço duas casas.

Uma casa era florida
Feita de metal luzente;
Doze portas preciosas
Ficavam tôdas de frente:
Três ao norte, três ao sul,
Seis de léste ao poente.

MAS, O ANJO DO SENHOR
QUE PEDRO VIRA NO SONHO
LHE DISSE: VAMOS P'RA CÁ
POR ÊSTE JARDIM RISONHO
AQUÊLE CABRA DE CHIFRES
NÃO SIGAS QUE É O DEMÔNIO.



Nessa dita tinha um nome
MORADA DO BENFEITOR
Em letras de ouro escrito
Que fazia um esplendor;
Em tórno anjos voando
Numa nuvem de fulgor.

A outra casa era escura
Sem nada de alegria;
Um boeiro de fumaça
Que no espaço subia;
E uns berros temerosos,
Era só o que se ouvia.

O Diabo disse: Pedro,
É minha aquela oficina;
Eu vou te oferecê-la
E sei que você combina
Pois você perdeu, na terra,
A fábrica de popelina.

Pedro Sem inda pensou:
De fato, será a minha
Que subiu na labareda
Da terra, com a morrinha?
Mas o anjo disse: Pedro,
Não pense coisa mesquinha.

Você hoje não precisa
Daquela vida agitada
De pensar em oficina
Ou cair pela calçada
Nem também de negar pão
À alma necessitada.

Seu pão é a oração
E pedir ao santo Deus
Que te livre, no juízo,
Dos grandes pecados teus
E pedir o teu perdão
A Jesus, Rei dos Judeus.

Dizendo assim o levou
À mansão celestial;
No instante se abriu
Uma porta oriental
E Pedro Sem conheceu
Tudo sobrenatural.

O anjo disse a Jesus:
Eis aqui o Pedro Sem
Aquêle que o povo diz:
Ontem teve, hoje não tem.
Já fiz minha obrigação
Deus te abençoe e, amém!

São Miguel foi o pesar
Mas a balança vergou
O santo disse: O que é?
Que você tanto pesou?
Que fizeste lá na terra
Que desta forma pecou?

Pedro Sem disse: Não sei,
Eu de lá tudo esqueci;
Se passei nesse lugar
Foi ligeiro que não vi;
Satanaz disse: Eu sei tudo,
A pista dêle eu segui!

São Paulo, que é letrado,
 Pegou o livro da Vida;
 Abriu a primeira página
 Disse: Riqueza perdida.
 Pedro disse: É isso mesmo,
 A minha foi destruída...

São Paulo disse: Perdida
 Não a que o fogo queimou,
 Nem a que morreu de febre
 Nem a que o mar sepultou:
 Perdida a que Deus te deu
 Você não aproveitou.

Pedro disse: Aproveitei
 Tudo que eu possuía
 Porque não jogava fora
 Não dava, não destruía
 É, para não estragar,
 Muito pouquinho comia.

Falou Jesus: É por isso
 Que a riqueza foi perdida.
 Quando meu Pai oferece
 É para gozo da vida
 E não desprezar o pobre
 Que falta roupa e comida.

Pedro Sem disse: Senhor,
 Perdão do meu ideal,
 Por que Deus não deu a todos
 Uma soma por igual
 Vê-se um cheio de vida
 E outro passando mal?

Jesus disse: Todos ricos
 A maldade cresceria
 Pois um queria mandar
 Outro não obedecia
 E não havia o trabalho
 Como, então, se viveria?

E se fôssem todos pobres
 Como a vida prosperava?
 Sem dinheiro, sem comida;
 Indústria não se falava,
 Nem doutores, nem govêrno
 Pois pobre não se formava!

Pedro Sem disse: Senhor,
 Aqui vi sabedoria
 Mas lá eu só aprendi
 Gramática, geometria,
 Boa contabilidade
 E um pouco de economia.

Disse Jesus: Muito bem,
 Isso devera aprender
 Mas há um livro na terra
 Que você não o quis ler;
 Se você tivesse lido
 Teria o grande saber.

Perguntou Pedro: Qual é
 Esse grande ensinamento?
 Jesus disse: Um que se chama
 Velho e Novo Testamento.
 Ele disse: Não achei
 Nêle nenhum fundamento:

O que se converte a Deus
Vai até apedrejado,
Prêso em cova de leões
Ou então crucificado;
Os homens são contra Deus
Ou Deus continua errado.

O Diabo disse: Bem,
Você falou acertado
Você não perde a questão
Que sou seu advogado.
Não tendo aonde ficar
Eu disponho dum sobrado.

São Pedro disse: Maldito,
Não nos venha interromper;
Nós aqui não precisamos
Do teu sujo parecer;
Deixe a alma se explicar
Até se compreender...

O Diabo disse: Pedro,
Pedro Sem não é otário;
Tudo que êle fêz na terra
Eu acho bem necessário;
Achei êle do meu gôsto
Para ser meu comissário!

São Paulo, disse: Demônio,
Pedro Sem se arrependeu
Quando lhe doeu na alma
Na miséria que sofreu;
Se discute com Jesus
Ainda não entendeu.

Pois a Terra é um planeta
De terrível expiação;
Deus botou ali os homens
P'ra ganharem a salvação,
Depois de regenerados
De todo seu coração.

Mas tu desvias o homem
Prometendo-lhe grandeza;
Dando saber diabólico
Contra a lei da natureza
Mas a verdade divina
É eterna luz acesa.

Pedro Sem disse: Meu Deus,
Agora compreendi:
Nada no mundo era meu,
Nem o ar que consumi;
Portanto, devo humilhar-me
Pelo mal que cometi.

Jesus lhe disse: Então voltas
Expiar o teu pecado;
Vais à terra mendigar
Como cégo ou aleijado;
O Diabo não te leva
Nem é teu advogado.

Pedro Sem de lá voltou
Está neste velho mundo.
É êle o rico avarento
Ou o pobre mais imundo.
Êste caso um português
Contou-me uma certa vez
Porque conhecia a fundo.

Como Vencer no Amor

(EDIÇÃO PARA HOMENS)

Se você é tímido, se você é ousado, bonito, feio, alto ou baixo, não se preocupe. Você precisa aprender como vencer no difícil terreno do amor. E este livro poderá ensinar tudo que você precisa saber para não ser um desnordeado dentro da vida. Você deve comprá-lo agora, para conhecer o seu conteúdo maravilhoso. Você saberá como manejar cada tipo de moça que encontrar. Saberá como agir nas mais difíceis situações do seu namôro. Você compreenderá uma série de coisas que não conseguiu compreender até agora. E o livro que tem uma resposta certa para cada tipo de pergunta que você fizer. Leia-o e aprenda **COMO VENCER NO AMOR.**



Peça a seu vendedor ou envie seu nome, endereço, cidade e estado, com bastante clareza, para

EDITORA PRELÚDIO LIMITADA

Rua Ipanema, 772 - Fone: 9-1374 - São Paulo

Como Vencer no Amor

(EDIÇÃO PARA MULHER)

Este livro merece um lugar de destaque em sua biblioteca. Mas não deve ficar ali, esquecido. Você deve ler, consultá-lo sempre que fôr preciso, e encontrará os mais salutares conselhos. Você saberá como agir dentro da vida. Saberá como portar-se com o seu namorado, seja ele do tipo que fôr. Saberá defender-se contra as insídias perigosas que ameaçam tôdas as jovens incautas. É vencerá no amor, o único campo que a mulher precisa vencer, lutando com as armas da decência, usando apenas sua beleza e inteligência.

COMO VENCER NO AMOR é mais do que um livro. É um guia seguro para o caminho de sua felicidade.



Peça a seu vendedor ou envie seu nome, endereço, cidade e estado, com bastante clareza, para

EDITORA PRELÚDIO LIMITADA

Rua Ipanema, 772 - Fone: 9-1374 - São Paulo

ALGUMAS EDIÇÕES PRELÚDIO

AS PROFECIAS DO BOI MISTERIOSO — A história famosa de um boi que falava. E sua voz narrava os mais dramáticos episódios de nossa época. Ninguém consegue prendê-lo. Aparece e desaparece quando menos se espera. Em versos.

ENCONTRO DE CANÇÃO DE FOGO COM ZÉ DO TELHADO — O encontro dos dois fabulosos aventureiros, um mais astuto que outro. Um verdadeiro duelo de trapanças e episódios humorísticos. Em versos.

JOÃO SOLDADO — O valente praça que meteu o diabo num saco. A história fabulosa de João Soldado, que após praticar a caridade, recebe de Deus e S. Pedro, um poder maravilhoso. Encontra o diabo, consegue vencê-lo e colocá-lo num saco. Em versos.

A SORTE DO AMOR — Empolgante narrativa, na qual uma jovem casa-se com um dos seus dois pretendentes, mas recebendo mais tarde, aquele que o destino reservava para companheiro de seus dias. Real, humano e comovente. Em versos.

QUENGO DE PEDRO MALAZARTE NO FAZENDEIRO — Novas engraçadíssimas proezas do fabuloso Pedro Malazarte, que consegue enganar a todos com seu espírito aguçado e brejeiro. Em versos.

ENCONTRO DE LAMPEÃO COM DIOGUINHO — Empolgante narrativa do encontro dos dois mais famosos bandoleiros que percorreram nossas terras. Um do sul e um do norte, vivendo lado a lado fabulosas aventuras. Em versos.

JOÃO GRILO (Novas Astucias) — Trapaceiro e valente, João Grilo rivaliza-se com o fabuloso Malazarte em aventuras. Casou com dona Berta, viuva de Cancão de Fogo, vivendo ao lado dessa estranha mulher, mil e uma peripécias. Em versos.

JOSÉ DE SOUZA LEÃO (Neto) — Um herói, que cheio de amor desafia os mais perigosos cangaceiros do nordeste bravo. Valente e destemido, luta como um leão e ama como um apaixonado. Em versos.

Si não encontrar com seu vendedor alguma de nossas publicações, dirija seu pedido para a **EDITORA PRELÚDIO LTDA.**
Rua Ipanema, 772 — Fone 9-1374 — São Paulo